

**O SUBJUNTIVO E A FORMAÇÃO DA VOZ PASSIVA
NO SISTEMA VERBAL LATINO: UMA ABORDAGEM
HISTÓRICA DO LATIM AO PORTUGUÊS**

Márcio Amieiro Nunes (UEMS)
marcioamieiro@gmail.com

RESUMO

O sistema verbal latino distingue-se, em alguns aspectos, do sistema verbal português. Tais distinções resultaram tanto pelas transformações ocorridas entre o latim clássico e o latim falado pelo povo, como pela formação das línguas românicas. Este trabalho, no entanto, aponta as principais diferenças existentes entre o latim clássico e o português contemporâneo quanto ao uso da voz passiva e do modo subjuntivo, principalmente. Para tal, a fim de verificar as mudanças provenientes do latim vulgar, recorremos aos estudos de Charles Hall Grandgent (1962) e Ismael de Lima Coutinho (1976). Com relação à estrutura do sistema verbal no latim clássico, apoiamos-nos aos princípios de análise propostos por Napoleão Mendes de Almeida (2000) e Paulo Rónai (2006).

Palavras-chave:

Subjuntivo. Sistema verbal. Voz passiva.

ABSTRACT

The Latin verbal system is distinguished, in some aspects, from the Portuguese verbal system. These distinctions resulted both by the occurred transformations between Classic Latin and Vulgar Latin, and by the formation of the Romance languages. This work, however, points out the main differences between Classic Latin and Contemporary Portuguese, especially as regards the use of passive voice and subjunctive mood. For this, in order to verify the changes coming from the Vulgar Latin, we resort to the studies of Charles Hall Grandgent (1962) and Ismael de Lima Coutinho (1976). With respect to the structure of the verbal system in Classic Latin, we support ourselves in the principles of analysis proposed by Napoleão Mendes de Almeida (2000) and Paulo Rónai (2006).

Keywords:

Subjunctive. Passive voice. Verbal system.

1. Introdução

A língua latina, assim como todas as línguas naturais, não era homogênea e, enquanto língua viva, estava sujeito a contínuas transformações que se adaptavam ao falante de cada região dominada pelos romanos. Coutinho (1976) afirma que no início,

[...] o que existia era simplesmente o *latim*. Depois, o idioma dos romanos se estiliza, transformando-se num instrumento literário. Passa então a apresentar dois aspectos que, com o correr do tempo, se tornam cada vez mais distintos: o *clássico* e o *vulgar*. Não eram duas línguas diferentes, mas dois aspectos da mesma língua. Um surgiu do outro, como a árvore da semente. Essas duas modalidades do latim, a literária e a popular, receberam dos romanos a denominação respectivamente de *sermo urbanus* e *sermo vulgaris* (COUTINHO, 1976, p. 29)

Com a expansão do Império Romano o latim vulgar, língua do povo, distanciava-se do latim clássico, língua de cultura. Segundo Grandgent (1962) “the Latin tongue was thus extended to many peoples, representing different races, civilizations, and linguistics habits” (p. 1). Essa miscigenação de diferentes culturas contribuiu para ascensão e dialetação do latim vulgar. Assim, “Vulgar Latin naturally developed differently in various localities” (GRANDGENT, 1962, p. 3). Uma vez que, o latim não tinha apenas uma sociedade falante de cultura homogênea, as características de fala dessas diferentes comunidades influenciavam o latim e o transformava.

Conforme explica Willians (2001), enquanto o latim clássico se tornava numa língua morta, o latim falado pelo povo se diversificava nas diferentes regiões conquistadas pelos romanos por influência das línguas e sotaques dos povos conquistados. O latim vulgar durou de 200 anos a.C. até 600 anos d.C., aproximadamente. Tais influências decorreram até que o latim vulgar deu lugar as línguas românicas. Porém, Coutinho (1976) afirma que não há como precisar uma data de formação dos *romances*, tampouco estipular uma data exata para o desaparecimento do latim vulgar, *sermo plebeius*.

É a partir desse latim falado pelo povo que proveio a língua portuguesa, introduzida pelos romanos na Lusitânia, localizada nas regiões da península Ibérica. O latim vulgar atravessou diversos processos para sua romanização. A língua latina introduzida nessa região ainda passa por transformações influenciadas pela invasão dos bárbaros e depois pelos árabes, mesmo com a língua árabe sendo adotada como oficial da região, o povo conquistado “continuou a falar o *romance*, ou seja, o *latim vulgar* modificado”, como explica Coutinho (1976, p. 52). Após a nacionalização portuguesa, a partir do romance falado ao norte da região, constituiu-se o dialeto galaico-português e com a independência de Portugal houve a “diferenciação entre o português e o galego” (COUTINHO, 1976, p. 55).

Mesmo com todas as transformações sofridas pelo latim, em todo

esse processo histórico, Pereira (1919, p. 15) afirma que, “a língua portuguesa não é mais que a língua latina transportada para a faixa ocidental da Hispania pelos soldados e colonos romanos, e transformada no decorrer dos séculos (...)”. Sob esse mesmo ponto de vista, reforça Coutinho (1976):

Pode-se afirmar, com mais propriedade, que o português é o próprio latim modificado. É lícito concluir, portanto, que o idioma falado pelo romano não morreu, como erradamente se assevera, mas continua a viver, transformado, no grupo de línguas *românicas* ou *neolatinas* (COUTINHO, 1976, p. 48)

Devido a isso, reconhecemos a importância dos estudos sobre as transformações ocorridas na língua latina, pois eles servem de base para obtermos um conhecimento mais amplo da língua portuguesa. É por meio desses estudos que entendemos o funcionamento da língua, tanto no passado como no presente. De acordo com Silva (2010), a “gramática histórica tem por objeto o estudo das transformações de uma língua no tempo e no espaço” (p. 15).

2. O modo subjuntivo em latim e algumas de suas particularidades

O modo subjuntivo no latim clássico era formado apenas pelos tempos simples: presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito e pretérito-mais-que-perfeito. Os dois primeiros eram tempos *infectum*, transmitia a ideia de ação inacabada, e os dois últimos *perfectum*, para ação completamente concluída. O futuro imperfeito do indicativo poderia ser usado tanto para o modo indicativo, como também para o modo subjuntivo. No português esse tempo pode ser representado pelo futuro do presente²⁷³ do indicativo, ou futuro do subjuntivo. Ademais, o nosso pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo é tempo composto, enquanto no latim era simples.

Como vimos, grosso modo, o subjuntivo latino formava-se por quatro tempos verbais, dois para o tempo *infectum* e dois para o *perfectum* além do futuro imperfeito do indicativo que também poderia ser usado

²⁷³ É importante ressaltar que o futuro imperfeito do indicativo latino não se dividiu em dois tempos para formar o futuro do presente e futuro do subjuntivo português. A formação do nosso futuro do presente não se origina de forma imediata ao futuro no latim clássico, mas de uma perífrase verbal usada no latim *vulgar* (falado pelo povo) que se formava pelo infinitivo do verbo principal seguido pelo presente do indicativo do verbo *habere*. Tal perífrase extinguiu completamente o futuro imperfeito do indicativo no latim *vulgar*.

para o subjuntivo, mas para ser indicativo ou subjuntivo dependia dos os elementos adjacentes, presentes ou ausentes na oração, que condicionavam o sentido desse verbo.

De acordo com Napoleão Mendes de Almeida (2000), não havia em latim:

1) *futuro do pretérito* (condicional), que se substitui por formas do subjuntivo; *amaria* (futuro do pretérito simples) corresponde ao presente ou ao imperfeito do subjuntivo latino; *teria amado* (fut. do pretérito composto) corresponde ao mais-que-perfeito do subjuntivo latino.

2) *futuro do subjuntivo*, que se substitui pelo futuro do presente; quando eu soubesse (fut. do subj.) é frase que em latim fica “quando eu *saberer*”; quando eu tiver terminado (fut. composto do subj.) em latim equivale a “quando eu *terei terminado*” (Almeida, 2000, p. 207) (grifos do autor)

A formação do tempo futuro imperfeito do indicativo no latim clássico, equivalente ao nosso futuro do presente, apresentava algumas particularidades um tanto quanto complexas. Pois, havia um paradigma de conjugação verbal para a primeira e segunda conjugações e outro paradigma para a terceira e quarta conjugações. Ou seja, a irregularidade ocorria na desinência modo-temporal (DMT) que mudava a partir da terceira conjugação, mas conservava a regularidade da desinência número-pessoal (DNT) a partir da segunda pessoa do singular de todas as conjugações. Vejamos a tabela:

Quadro 1: Futuro latino.

Futuro imperfeito do indicativo					
1ª conj. (amar)	2ª conj. (ver)	3ª conj. A (ler)	3ª conj. B (fazer)	4ª conj. (ouvir)	V. Irreg. (ser)
<i>ama-bo</i>	<i>vide-bo</i>	<i>lĕg-am</i>	<i>facĭ-am</i>	<i>audi-am</i>	<i>ero</i>
<i>ama-bis</i>	<i>vide-bis</i>	<i>lĕg-es</i>	<i>facĭ-es</i>	<i>audi-es</i>	<i>eris</i>
<i>ama-bit</i>	<i>vide-bit</i>	<i>lĕg-et</i>	<i>facĭ-et</i>	<i>audi-et</i>	<i>erit</i>
<i>ama-bĭmus</i>	<i>vide-bĭmus</i>	<i>lĕg-emus</i>	<i>faci-emus</i>	<i>audi-emus</i>	<i>erĭmus</i>
<i>ama-bĭtis</i>	<i>vide-bĭtis</i>	<i>lĕg-etis</i>	<i>faci-etis</i>	<i>audi-etis</i>	<i>erĭtis</i>
<i>ama-bunt</i>	<i>vide-bunt</i>	<i>lĕg-ent</i>	<i>facĭ-ent</i>	<i>audi-ent</i>	<i>erunt</i>

Fonte: Adaptado de Paulo Rónai (2006, p. 112).

Outro fator que poderia causar confusão é a primeira pessoa do singular dos verbos de terceira e quarta conjugações, *lĕgam* (lerei/leia), *facĭam* (farei/faça) e *audiĭam* (ouvirei/ouça), que poderia ser tanto futuro

imperfeito como também presente do subjuntivo. Vejamos alguns exemplos contextualizados nas frases.

- (1) **Si** sedūli **erītis**, pūeri – ait Orbiliū – cras Forum **visitabīmus**.
- (2) Macte, Luci! **Si** remediū **sumes**, cras **valebis**.
- (3) Cave, Aule! **Si ludes** in scholā, te **castigabo**.

Fonte: Paulo Rónai, 2006, p. 49, 52 e 66 (grifo nosso).

No exemplo (1) nós temos dois verbos na frase no tempo futuro, se observarmos o quadro 1, percebemos que, se considerarmos apenas o tempo flexional, ambos estão no futuro imperfeito do indicativo, *erītis* e *visitabīmus*²⁷⁴. O primeiro, no entanto, apresenta um sentido de futuro do subjuntivo e o segundo, de futuro do presente. Ao traduzirmos, para o português ficaria: “Meninos, se *fordes* [fut. do subj.] aplicados – afirma Orbílio – amanhã *visitaremos* [fut. do presente] o Foro”.

O que vai definir a ideia abstrata do verbo, nesses casos, é o elemento adjacente a ele, nos exemplos dados, a conjunção condicional *si*. Ou seja, não se considera a indicação temporal dada pelo tempo flexional, mas pela conjunção anterior ao verbo da oração subordinada. Tal conjunção indica que a ideia deste verbo está subordinada “(...) a outro verbo [da oração principal], do qual dependerá para ser perfeitamente compreendido” (MENDES, 2000, p. 204). Portanto, o evento proposto na oração principal (visitar o Foro) somente ocorrerá se a condição exigida na oração subordinada for cumprida (ser aplicado). Assim, essa condição é transmitida pelo verbo no futuro do modo subjuntivo.

Em (2) e (3) ocorre o mesmo que em (1). Temos dois verbos em cada frase²⁷⁵, todos eles no futuro imperfeito do indicativo. Devemos, entretanto, observar cada oração, se houver conjunção precedente ao verbo,

²⁷⁴ Na frase analisada, *erītis* é um verbo copulativo (de ligação) e irregular (*sum, es, esse*). *Visitabīmus* é um verbo regular de primeira conjugação (*visito, as, are*), que a partir do seu tema (radical [*visit*] + vogal temática [*a*]), acrescentamos as desinências modotemporal (*-bi-*) e número-pessoal (*-mus*), *visita-bīmus*.

²⁷⁵ Os verbos *sumes* (*sumo, is, ěre*) e *ludes* (*ludo, is, ěre*) são verbos de 3ª conjugação atemático, por não possuírem vogal temática (VT), e podem ser representados no quadro 1 pelo verbo *lĕgam* (*lĕgo, is, ěre*), esses verbos da 3ª conjugação, particularmente, não apresentam o tema, apenas o radical (*sum-*; *lud-*) acrescido das desinências (*-es*). Como podemos perceber no quadro 1, a partir desta conjugação o paradigma flexional é diferente dos verbos pertencentes a 1ª e 2ª conjugação, conforme *valebis* (*valĕo, es, ere*) e *castigabo* (*castigo, as, are*).

o tempo será o futuro do subjuntivo, se não houver, será futuro do presente. Em (1), (2) e (3) cada oração subordinada apresenta a conjunção condicional *si*, que introduz a condição para ocorrência da oração principal.

Se fôssemos traduzir o exemplo (2) considerando apenas o tempo flexional latino, a sentença ficaria: “Coragem, Lucio! Se *tomarás* o remédio, amanhã *estarás* bom”. Com os dois verbos no futuro do presente, mas, em português não faria muito sentido. Logo, a tradução mais coerente em (2) é: “Coragem, Lucio! Se *tomares* [fut. do subj.] o remédio, amanhã *estarás* [fut. do presente] bom”. Assim, para que concretize o fato exposto na oração principal (estar bom), é necessário seguir a condição apresentada na oração subordinada (tomar o remédio).

Em (3) nós temos: “Toma cuidado, Aulo! Se *brincares* [fut. do subj.] na escola, te *castigarei* [fut. do presente]”. Nesse caso, para não acontecer o que foi dito na oração principal (castigar Aulo) é exigido que a condição da oração subordinada não se realize. Portanto, se por um lado, em latim, para tais condições não havia mudança no tempo flexional do verbo, e o modo subjuntivo era indicado apenas por meio da conjunção. Por outro lado, no português, além da conjunção necessária, criou-se um tempo específico para isso, o futuro do subjuntivo.

Porém, não era apenas o futuro imperfeito do indicativo que transmitia a ideia do futuro do subjuntivo no português. Conforme Paulo Rónai (2006), não “havendo em latim futuro do subjuntivo, o papel desse tempo é **também** desempenhado pelo futuro perfeito do indicativo” (p. 90, *grifo* nosso). Sendo assim, do mesmo modo como ocorre com o futuro imperfeito, também ocorrerá com o futuro perfeito latino, tempo equivalente ao futuro do presente composto português. Mas o que definirá a ideia geral do verbo será a conjunção que o precede. Vejamos o exemplo:

(4) Sine amicitia vita tristisesset. Si amicos bene **elegeritis**, socios malorum **habebitis**. (...) ‘**Donec eris** felix, multos **numerabis** amicos; tempora **si fuerint** nubila, solus **eris**’.

Fonte: Paulo Rónai, 2006, p. 88.

Na primeira frase do exemplo (4) o verbo *esset* está no imperfeito subjuntivo, o qual equivale ao mesmo tempo existente no português (fosse). Porém, como não há nenhuma conjunção, que normalmente acompanha os tempos do subjuntivo, o sentido do verbo, nesta frase, equivale ao futuro do pretérito no português, tempo este, inexistente no latim. De-

vido a isso, o imperfeito subjuntivo latino também exercia essa função temporal, como podemos constatar na tradução: “Sem a amizade, a vida *seria* triste”. Assim, o futuro do presente corresponde também ao imperfeito do subjuntivo, conforme vimos acima na citação de Napoleão Mendes de Almeida (2000).

O futuro do pretérito no português originou-se, assim como o futuro do presente, de uma perífrase criada no latim vulgar. Se no futuro do presente essa perífrase era formada pelo infinitivo do verbo principal acompanhado pelo presente do indicativo do verbo *habere* (e.g. *amabo*>*amare habẽo*> amarei; *videbo*>*videre habẽo*> verei; *lẽgam*>*lẽgẽre habẽo*> lerei; *facĩam*>*facẽre habẽo*> farei; *audĩam*>*audire habẽo*> ouvirei)²⁷⁶. No futuro do pretérito, tal perífrase era formada pelo verbo principal no infinitivo seguido do pretérito imperfeito do indicativo do verbo *habere*. (e.g. *amare habebam*> amaria; *videre habebam*> veria; *lẽgẽre habebam*> leria; *facẽre habebam*> faria; *audire habebam*> ouviria)²⁷⁷.

Nas frases seguintes do exemplo (4) temos mais quatro verbos, três deles estão precedidos de conjunção: *elegerĩtis*, *eris* e *fuẽrint*. O primeiro e o último estão no futuro perfeito do indicativo latino, os quais, quando não acompanhados de conjunção, correspondem ao futuro do presente composto em português, mas, nesse caso, correspondem ao futuro do subjuntivo, devido à conjunção que os acompanha (*si*, *donec*).

Quanto aos verbos *habebitis*, *numerabis* e *eris* estão no futuro imperfeito do indicativo e, por serem os verbos da oração principal, mantêm o mesmo sentido do tempo flexional. Repare, no entanto, que o verbo *eris* aparece duas vezes, ambos no futuro imperfeito latino, mas com a função temporal diferente. No primeiro caso, o verbo aparece na oração subordinada precedido de conjunção e no segundo caso, na oração principal não precedido de conjunção. Por causa disso, o primeiro correspon-

²⁷⁶ Segundo Coutinho, com possibilidade das formas derivadas de *habere* funcionarem como terminações verbais, no presente do modo do indicativo também sofreram modificações: *habeo*> **aio*; *habes* > **as* etc. Para as variações do futuro: *amabo*>*amare habeo*>*amar *aio*> amarei. Para Grandgent (1962) as variações foram: *amabo*>*amare habeo*>**amar'aio*> amarei; *amabis*>*amare habes*> **amar'as*> amarás etc.

²⁷⁷ Conforme afirma Coutinho (1976), da mesma forma como ocorreu ao presente do indicativo de *habere* na formação da perífrase de futuro do presente, as derivações no pretérito imperfeito também sofreram diversas modificações: *habebam*>**abeam*>**eam*> ia; *habebas*>**abeas*>**eas*> ias etc. Ao formarem o futuro do pretérito se modificaram: *amare habebam*>*amare*abeam*>*amar *eam*> amaria etc.

de ao futuro do subjuntivo e o segundo ao futuro do presente, como podemos ver na tradução: “Se *tiverdes escolhido* [fut. do subj.] bem os amigos, *tereis* [fut. do presente] companheiros de infortúnios. (...) Enquanto *fores* [fut. do subj.] feliz, *contarás* [fut. do presente] muitos amigos; se os tempos *forem* [fut. do subj.] nebulosos, *estarás* [fut. do presente] sozinho”.

(5) Tertium: ‘Nemīnem nec **accusavēris**, nec **laudavēris** cito’.

Fonte: Paulo Rónai, 2006, p. 91.

Por fim, no exemplo (5) temos o pretérito perfeito do subjuntivo que equivale ao mesmo tempo existente no português. Assim, o verbo *accusavēris* traduziria por “tenhas acusado”, e *laudavēris* por “tenhas louvado”. Porém, de acordo com Paulo Rónai (2006), o pretérito perfeito do subjuntivo é usado “frequentemente em ordens proibitivas, depois dos advérbios *ne* e *nec*, em substituição ao imperativo” (p. 92, *grifos* do autor). Desse modo, a tradução seria: “Nem *acuses*, nem *louves* ninguém facilmente”, o sentido corresponde ao imperativo negativo no português.

3. *A formação da voz passiva em latim e suas transformações*

A voz passiva no latim clássico era formada de duas maneiras. Para os tempos *infectum* usava-se a forma sintética. De acordo com Rodolfo (1999), são as formas “construídas apenas por meio de sufixos e desinências, sem recorrer a verbos auxiliares”; para os tempos *perfectum* usava-se a forma analítica, constituída por meio de um verbo auxiliar e era “baseada principalmente no verbo *sum*” (p. 98).

De modo geral, a voz passiva sintética latina forma-se, normalmente, com o uso de sufixos (*-r*; *-ris*; *-tur*; *-mur*; *-mini*; *-ntur*), sem alterar o tema e a desinência modo-temporal (tema + DMT). No caso, em particular, da primeira pessoa do singular, quando terminada em *o*, apenas acrescenta-se a desinência passiva (*amabo* = amarei, *amabor* = serei amado) e quando terminada em *m*, troca-se o *m* pela desinência passiva (*audiam* = ouvirei, *audiar* = serei ouvido). Nas demais pessoas, a fim de simplificar o uso de regras, basta substituir as desinências número-pessoais de voz ativa pelas desinências número-pessoais de voz passiva. Observe o quadro abaixo:

Quadro 2: Desinências número-pessoais latinas.

Modelo para formação da voz passiva sintética dos tempos <i>infectum</i>			
Pessoas	Não altera	DNP (voz ativa)	DNP (voz passiva)
1 ^a – singular	(Tema + DMT)	- <i>o</i> (acrescenta)/ <i>m</i> (troca)	- <i>r</i>
2 ^a – singular	(Tema + DMT)	- <i>s</i>	- <i>ris</i>
3 ^a – singular	(Tema + DMT)	- <i>t</i>	- <i>tur</i>
1 ^a – plural	(Tema + DMT)	- <i>mus</i>	- <i>mur</i>
2 ^a – plural	(Tema + DMT)	- <i>tis</i>	- <i>mini</i>
3 ^a – plural	(Tema + DMT)	- <i>nt</i>	- <i>ntur</i>

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Pastorino (1961).

Quanto a voz passiva analítica latina, é formada pelo particípio passado do verbo principal seguido pela conjugação do verbo auxiliar (*sum*). O particípio passado latino, assim como em português, apresenta variações de gênero e número, porém, em latim varia também em gênero neutro (*amatus; amata; amatum*). Ou seja, “a mesma concordância que em português, acrescentando-se o gênero neutro” (PASTORINO, 1961, p. 119).

Quadro 3: Voz passiva analítica.

Modelo para formação da voz passiva analítica dos tempos <i>perfectum</i>		
Pessoas	Particípio passado (masc. fem. neut.)	Verbo auxiliar (<i>sum</i>)
1 ^a – singular	amatus / amata / amatum	sum
2 ^a – singular	amatus / amata / amatum	es
3 ^a – singular	amatus / amata / amatum	est
1 ^a – plural	amati / amatae / amata	sumus
2 ^a – plural	amati / amatae / amata	estis
3 ^a – plural	amati / amatae / amata	sunt

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Pastorino (1961).

Como podemos observar no quadro 3, o verbo auxiliar *sum* está no presente do indicativo, mas com o sentido de passado, isto quer dizer que *amatus est* significa “ele **foi** amado” e não “ele **é** amado”, como pode parecer inicialmente. Para dizer “ele **é** amado” no latim clássico, no presente do indicativo, deve-se usar a forma sintética *amatur*, pois é tempo

infectum (cf. quadro 2). Para formar a voz passiva dos tempos *perfectum*, com o mesmo significado de “ele **foi** amado”, poderia empregar tanto *amatus est*, como *amatus fuit*. A primeira, no entanto, era muito mais recorrente, conforme explica Pastorino (1961). Vejamos outros exemplos:

Quadro 4: Uso da voz passiva analítica no latim clássico.

Singular masculino	<i>Lupus captus est</i>	O lobo foi apanhado
Singular feminino	<i>Lupa capta est</i>	A loba foi apanhada
Singular neutro	<i>Animal captum est</i>	O animal foi apanhado
Plural masculino	<i>Lupi capti sunt</i>	Os lobos foram apanhados
Plural feminino	<i>Lupae captae sunt</i>	As lobas foram apanhadas
Plural neutro	<i>Animalia capta sunt</i>	Os animais foram apanhados

Fonte: Adaptado de Pastorino (1961, p. 118-119).

Essas formas no latim vulgar substituíram a forma sintética, e, de acordo com Grandgent (1962, p. 51), “under the influence of *carus est*, etc., *amatus est* came to mean ‘he *is* loved’, etc. Hence *amatus fuit* signified ‘he *was* loved’”. Assim, a forma analítica *amatus est* passou a significar “ele *é* amado” em substituição à sintética *amatur*, que foi totalmente extinta pelo latim vulgar. Com isso, para dizer “ele **foi** amado”, na fala popular, empregava-se apenas a forma *amatus fuit*. “Then a whole passive inflection was made up of the perfect participle + *esse*” (GRANDGENT, 1962, p. 51).

Gradualmente, a voz passiva passou a ter apenas uma forma, composta pelo particípio do verbo principal seguido do verbo auxiliar. Segundo, Silva (2001), a “morfologia própria à passiva dos tempos ‘inflectum’ latino, chamada passiva sintética, desapareceu e se generalizou para todos os paradigmas temporais a passiva analítica que no latim se circunscrevia aos ‘tempos perfectum’” (p. 40). Como podemos perceber, foi a partir dessa voz passiva analítica, adotada pelo latim vulgar que se originou a voz passiva do português.

Quanto à combinação do verbo *ser* + particípio passado, no português arcaico, nem sempre possuía um sentido passivo. De acordo com Silva (2001), com

[...] um subconjunto de verbos intransitivos, ocorriam no período arcaico e até, pelo menos, no século XVI, seqüências constituídas de ser + PP [particípio passado], para expressão do ‘ato consumado’ (Dias 1959:250,§326), ou seja, do aspecto concluído ou perfectivo. São verbos tais como: *nascer*, *morrer*, *falecer*, *passar*, (=‘morrer’), *chegar*, *ir*, *correr* (=‘passar o tempo’). (SILVA, 2001, p. 62-63) (grifos da autora)

Silva (2001) ainda explica que Dias (1959) classifica estas combinações como aquelas que representam os tempos compostos dos verbos depoentes em latim. Ainda segundo Silva, “os verbos depoentes são definidos na gramática do latim, como verbos de forma passiva, mas de significação ativa” (2001, p. 63). Desse modo, mesmo com uma estrutura de voz passiva analítica, tais combinações no português arcaico assumiam um significado de voz ativa, conforme explica a autora. Vejamos os exemplos que seguem:

- (6) – O meu filho *he morto*. Ven tu e resuscita-o.
- (7) Aquele meu amigo *era passado* deste mundo.
- (8) Aquele *foi chegado* aa morte per aquela pestelença geral...
- (9) Lopo Soares *era chegado*.
- (10) *Era fallecido* el rei Bolife.

Fonte: Rosa Virginia Mattos e Silva, 2001, p. 63.

As perífrases de *ser* + particípio passado nos exemplos acima apresentam um aspecto perfectivo de ação concluída. Porém, Said Ali (1964), acrescenta Silva (2001), “nos casos acima tratados, considera *ser* verbo auxiliar, entendendo PP [particípio passado] como referindo-se ao sujeito da oração”. Conclui a autora que, para Said Ali (1964), “veio a prevalecer na língua, com verbos desse tipo, o verbo *ter* seguido de PP”, (cf. exemplos 7e 9); “em certos contextos será antes substituído por *estar*, expressando o resultado e não só ação concluída” (cf. exemplo 6) (SILVA, 2001, p. 63). Com isso, Said Ali (1931) afirma que

[...] da junção de *ser* com o particípio do verbo intransitivo resultam, como vemos, dizeres de sentido similar a *ter chegado*, *ter fallecido*, *ter corrido*, *ter nascido*, *ter vindo* etc., cujo uso prevalece no falar hodierno. Unindo-se porem *ser* ao particípio de verbo transitivo, dará a voz passiva deste segundo verbo. (SAIDA ALI, 1913, p. 178) (grifos do autor)

Percebe-se, portanto, que o verbo *ser*, quando auxiliar de um verbo intransitivo no particípio passado, principalmente os verbos que eram depoentes em latim, não apresentava o sentido passivo, como quando acompanhado de um verbo transitivo ao formar a voz passiva analítica. Atualmente, quase não se usa o verbo *ser* como auxiliar de verbos intransitivos, o qual foi substituído pelos verbos *estar* e *ter*.

Nesse breve recorte histórico, destacamos apenas algumas mudanças que marcaram a voz passivado latim e no português antigo. Mes-

mo assim, podemos ter uma visão geral de como se originou a voz passiva analítica do português contemporâneo e suas principais transformações ao longo do tempo.

4. Considerações finais

As diferenças que havia entre o latim clássico, *sermo urbanus*, e o latim vulgar, *sermo usualis*, podem ocorrer em qualquer língua viva. Tal fenômeno ainda está presente nas diferenças existentes entre a língua padrão (de prestígio), e não padrão (estigmatizada), em uma dada língua natural. Enquanto a língua padrão tenta conservar sua regularidade, a língua falada se reinventa, a fim de se adequar às situações de uso. O português falado no Brasil, por exemplo, não é mais o mesmo daquele falado em Portugal, pois sofreu influências de outras línguas e culturas. Até mesmo dentro do próprio país há diversos falares que caracterizam uma determinada região, e dentro desta mesma região, as variações se subdividem de acordo com cada comunidade onde a língua se manifesta.

Decerto, a língua se adapta ao falante com o passar do tempo, sob a influência de diversos fatores condicionantes (social, cultural, regional etc.). A princípio, essas mudanças são imperceptíveis, mas ao longo dos anos podemos percebê-las por meio de estudos históricos da língua, conforme vimos em algumas ocorrências no sistema verbal latino. As transformações ocorridas no subjuntivo e na voz passiva latina vão muito além do pequeno recorte que destacamos nesse breve artigo. Pretendemos, com isso, salientar a importância dos estudos históricos. Sem dúvidas, somente conseguiremos entender a fundo as características de nossa língua se conhecermos a sua formação e os fenômenos ocorridos no passado, principalmente na língua latina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina: curso único e completo*. 29. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

GRANDGENT, Charles Hall. *An introduction to vulgar latin*. New York: Hafner Publishing Company, 1962.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

PASTORINO, Tôrres C. *Latim para os alunos 2º ano ginásial*. Rio de Janeiro: Josen Editor, 1961.

PEREIRA, Carlos Eduardo. *Grammatica Historica*. 2. ed. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1919.

RODOLFO, Ilari. *Lingüística Românica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

RÓNAI, Paulo. *Curso básico de latim I: Gradus Primus*. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAID ALI, M. *Grammatica historica da lingua portugueza*. 2.ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo, 1931.

SILVA, José Pereira da. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: O Autor, 2010.

WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do latim ao português: fonologia e morfologia histórica da língua portuguesa*. 7. ed. Trad. de Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.